

O GRAMÁTICO*

SANTO ANSELMO DE CANTUÁRIA
(★1033/†1109)

COMO O GRAMÁTICO É SUBSTÂNCIA E QUALIDADE

I

DISCÍPULO — Peço-te que me esclareças com certeza a respeito do gramático: se é uma substância ou uma qualidade, a fim de que, conhecida essa questão, eu saiba o que deva pensar de outras coisas que, semelhantemente, se dizem por derivação.

MESTRE — Dize-me, primeiramente, por que duvidas.

D. — A razão da minha dúvida é que parece que se podem provar as duas alternativas com razões necessárias, ou seja, que é e não é.

M. — Prova-o, portanto.

D. — Não te apresses a contradizer tudo o que eu disser, mas aguarda que a minha exposição chegue ao fim e, em seguida, aplaude ou corrige.

M. — Seja como queres.

D. — Com efeito, para que se demonstre que o gramático é uma substância basta considerar que todo gramático é um homem e todo homem é uma substância. De fato, tudo que o gramático tem para que a substância o siga, ele não o tem a não ser pelo fato de ser homem. Por isso, uma vez concedida tal coisa, isto é, que é um homem, todas as coisas que acompanham o homem acompanham o gramático. Que o gramático, porém, seja uma qualidade, confessam-no abertamente os filósofos que trataram desse assunto, e seria um atrevimento contestar-lhes a autoridade a respeito dessas matérias. Do mesmo modo, porquanto é necessário que o gramático seja ou uma substância ou uma qualidade, de tal maneira que, se é uma destas coisas, não é a outra, e se não é qualquer uma delas é necessário que seja outra; tudo o que serve para asseverar uma parte destrói a outra, e tudo o que enfraquece uma delas, fortalece a outra. Por conseguinte, uma vez que dessas duas partes uma é verdadeira e a outra é falsa, rogo-te que me expliques a verdade, descobrindo a falsidade.

II

M. — Os argumentos que apresentaste para as duas partes são necessários, exceto o que dizes com afirmar que, se uma delas se admite, a outra não pode ser admitida. Por isso, não deves exigir de mim que demonstre que uma das partes é falsa — o que não pode ser feito por ninguém —, mas explicarei como não existe contradição entre uma e outra, se isso puder ser feito por mim. Mas, primeiramente, eu queria ouvir de ti mesmo o que achas que se pode opor a esses teus argumentos.

D. — Isso que exiges de mim, eu já esperava de ti atentamente, mas porquanto asseveras que as tuas próprias demonstrações são irrepreensíveis, compete a mim, que duvido, explicar o que me provoca dúvida; cabe a ti, porém, demonstrar a firmeza e a conveniência de ambas as partes.

M. — Dize-me, pois, o que achas e eu tentarei fazer o que pedes.

D. — Com efeito, aquela proposição que diz que o gramático é um homem, eu julgo que se deve rejeitar deste modo: "Nenhum gramático pode ser entendido sem a gramática e todo homem pode ser entendido sem a gramática". Ainda mais: "Todo gramático recebe um mais e um menos, e

* Tradução do Prof. Dr. Ruy Afonso da Costa Nunes. Publicado no livro VII da Coleção "Os Pensadores" (Editora Abril, 1973, p. 177-203).

nenhum homem recebe mais e menos". Da união dessas duas proposições tira-se uma conclusão, isto é, nenhum gramático é homem.

III

M. — Isso não se segue.

D. — Por quê?

M. — Parece-te, porventura, que o nome *animal* signifique outra coisa que substância animada sensível?

D. — o animal nada mais é absolutamente do que uma substância animada sensível, e a substância animada sensível não é outra coisa senão o animal.

M. — Assim é. Mas dize, também, se todo aquele que não é outra coisa senão uma substância animada sensível pode ser entendido sem a racionalidade e não seja racional por necessidade.

D. — Não o posso negar.

M. — Por conseguinte, todo animal pode ser entendido sem a racionalidade e nenhum animal é por necessidade racional.

D. — Não posso dizer que isso não seja consequência do que foi admitido, embora eu tema bastante aquilo que suspeito que pretendas.

M. — Mas nenhum homem pode ser entendido sem a racionalidade e é necessário que todo homem seja racional.

D. — De ambos os lados vejo-me em apuros. De fato, se concedo o que dizes, concluis que nenhum homem é animal; se nego, não só dizes que eu não posso ser entendido, como que realmente existo sem a racionalidade.

M. — Não temas. Com efeito, não se tira a conclusão que imaginas.

D. — Se assim é como prometes, concedo de boa mente tudo o que propuseste; do contrário, eu o farei de mau grado.

M. — Combina, pois, tu mesmo, as quatro últimas proposições que formulei, em dois silogismos.

D. — Sem dúvida, elas podem ser dispostas nesta ordem: "Todo animal pode ser entendido sem a racionalidade. Mas nenhum homem pode ser entendido sem ela". Ainda mais: "Nenhum animal é racional por necessidade. Todo homem, porém, é racional por necessidade". Dessas duas ordens de duplas proposições vejo que as proposições não parecem vacilar em coisa alguma. De fato, as duas que têm por sujeito o termo homem são de tal modo tão evidentes por si mesmas, que seria imprudência demonstrá-las, enquanto as duas que têm por sujeito o termo animal parecem de tal modo comprovadas, que seria um atrevimento negá-las. Mas vejo que a união desses dois silogismos pode ser tomada como semelhante em tudo aos outros que já apresentei, a não ser que, quando eu perceber claramente a falsa conclusão desses silogismos, eu repare que a mesma coisa ocorre igualmente com aqueles que eu havia formulado.

M. — Assim é.

D. — Demonstra-me, pois, em que consiste tanto engano aqui e ali, uma vez que as proposições parecem verdadeiras e unidas conforme a natureza dos silogismos, embora nenhuma verdade ampare as suas conclusões.

IV

M. — Fá-lo-ei quanto aos teus silogismos; mas os meus, discute-os, se o quiseres.

D. — Faça-se de acordo com o teu parecer.

M. — Repete e junta os silogismos que fizeste.

D. — Todo homem pode ser entendido sem a gramática.

M. — Que dizes com afirmar que o homem pode ser entendido sem a gramática?

- D.* — O homem.
- M.* — Dize, pois, numa mesma proposição o que entendes.
- D.* — Todo homem pode ser entendido ser homem sem gramática.
- M.* — Concedo; prossegue.
- D.* — Nenhum gramático pode ser entendido sem a gramática.
- M.* — Que pretendes exprimir ao dizer que o gramático não pode ser entendido sem a gramática ?
- D.* — O gramático.
- M.* — Explica, pois, o que entendes.
- D.* — Nenhum gramático pode ser entendido ser gramático sem a gramática.
- M.* — Junta essas duas proposições assim completas, como agora mesmo as formulaste.
- D.* — Todo homem pode ser entendido ser homem sem a gramática. Nenhum gramático pode ser entendido ser gramático sem a gramática.
- M.* — Repara, pois, se eles têm um termo comum, sem o qual não levam a conclusão alguma.
- D.* — Vejo que elas (as proposições) não têm um termo comum e que, portanto, nada se pode concluir delas.
- M.* — Compõe outro silogismo.
- D.* — Já não há necessidade de que trabalhes para a sua demonstração. De fato, dou-me conta da sua falácia. Com efeito, eu entendia as suas proposições assim, como se alguém dissesse: "Nenhum homem é mais e menos homem e todo gramático é mais ou menos gramático". E, uma vez que estas duas proposições não têm nenhum termo comum, delas nada se conclui.
- M.* — Então, parece-te que dessas tuas combinações nada pode ser concluído?
- D.* — Assim eu pensava com certeza, mas essa tua pergunta leva-me a suspeitar que talvez nela se esconda alguma eficácia. Mas como concluiriam, sem que exista um termo comum?
- M.* — O termo comum do silogismo não deve existir tanto na expressão quanto no significado, assim como, na verdade, nada se conclui se o termo é comum na palavra mas não o é no sentido. Assim, nada impede que não exista na expressão, se existe no intelecto. Sem dúvida, é o significado que faz a união no silogismo e não as palavras.

V

- D.* — Espero que dê uma conclusão às minhas proposições.
- M.* — Realmente, elas concluem algo, mas não o que esperas.
- D.* — Seja o que for, eu o recebo de boa mente.
- M.* — Quem diz: "Todo homem pode ser entendido como gramático sem gramática, e nenhum gramático pode ser 'entendido como gramático sem gramática", não está dando a entender que o ser do homem não precisa de gramática, e que o ser do gramático precisa da gramática?
- D.* — Nada é mais verdadeiro.
- M.* — Porventura, têm um termo comum essas duas proposições que há pouco eu disse estarem significadas naquelas outras duas?
- D.* — Têm.
- M.* — Conclui-se, portanto, que o ser do gramático não é o ser do homem, isto é, não existe uma mesma definição para os dois.
- D.* — Sem dúvida, vejo que assim se conclui, e que assim é.
- M.* — Todavia, nem por isso se conclui que o gramático não é homem, como tu entendias. Mas, se entenderes assim: "O gramático não é homem", como se alguém dissesse que o gramático não é o mesmo ser que o homem, isto é, eles não têm a mesma definição, então a conclusão é verdadeira.

VI

D. — Entendo o que dizes.

M. — Ora, pois, se entendes bem o que eu disse, dize-me como te desembaraçarias deste silogismo, se alguém o compusesse: "Todo gramático se diz tal por uma certa qualidade. Nenhum homem se diz tal por essa mesma qualidade. Logo, nenhum homem é gramático". Nenhuma demonstração, porém, consegue tirar essa conclusão de que o racional não seja predicado de nenhum homem. Semelhantemente, aquele silogismo que há pouco proferiste não pode concluir necessariamente que gramático não seja predicado de homem. Com efeito, as suas proposições significam isso, se as entendermos conforme a verdade, como se alguém dissesse o seguinte: "Todo gramático diz-se gramático naquilo que é uma qualidade. Nenhum homem diz-se homem naquilo que é uma qualidade". Destas duas proposições, entretanto, de nenhum modo se conclui que nenhum gramático seja predicado de homem, porquanto não é o mesmo termo que se afirma a respeito do gramático e se nega a respeito do homem. Existiria certamente naquelas proposições um termo comum e elas apresentariam uma conclusão necessária se, permanecendo a proposição como foi indicada, se fizesse assim uma verdadeira afirmação: "Nenhum homem diz-se gramático naquilo que é uma qualidade"; ou, então, permanecendo a afirmação, assim se apresentasse realmente a proposição: "Todo gramático diz-se homem naquilo que é uma qualidade". De fato, destas duas combinações seguir-se-ia que gramático não seria atribuído a nenhum homem. Se alguém, porém, quisesse entender aquilo que se diz: "O homem não é o mesmo que gramático", como se eu dissesse que o fulgor é esplendor, ou que o fulgor não é esplendor, isto é, o fulgor é a mesma coisa ou não é a mesma coisa que o esplendor; se alguém, insisto, entender assim esta afirmação: "O homem não é gramático", nesse caso, segundo esse sentido, segue-se daquelas proposições, se se considerar bem a sua força, que nenhum homem é gramático. De fato, para demonstrar que a essência de homem não é a essência do gramático, o significado das proposições tem um termo comum.

VII

M. — Entendeste bem o que eu disse, mas talvez não consideraste bem o que afirmei.

D. — Como que eu entendi bem mas não considerei bem?

M. — Dize-me: se alguém adiantasse a seguinte afirmação: "Nenhum homem pode ser entendido sem a racionalidade, mas toda pedra pode ser entendida sem a racionalidade", que conclusão se tiraria daí?

D. — O que se concluiria, portanto, senão que nenhuma pedra é homem?

M. — Como entendes isso? Porventura, no sentido de que uma pedra de modo algum é homem ou no sentido de que a pedra não é o mesmo que o homem?

D. — Entendo que de modo nenhum a pedra é homem.

M. — Dize, pois, em que se diferencia este silogismo daquele teu silogismo no qual afirmas que o gramático não pode ser entendido sem a gramática, mas o homem pode, e, por isso, o gramático não é homem?

D. — Na verdade, quanto à força da argumentação, nada vejo em que este se diferencie daquele. Com efeito, assim como aí deve entender-se que o gramático não pode ser entendido como gramático sem a gramática, e o homem pode ser entendido como homem sem a gramática, assim aqui deve entender-se que o homem não pode ser entendido como homem sem a racionalidade, e a pedra pode ser entendida como pedra sem a racionalidade; por essa razão, uma vez que a conclusão deste silogismo ficou estabelecida, a saber, que de modo algum a pedra é homem, verás que para mim a conclusão do meu silogismo, que é absolutamente semelhante a esta, ficou encoberta pelas tuas

solertes exposições. Daí eu já entender por que disseste que eu entendi bem, mas não considerei bem. Sem dúvida, entendi bem o sentido do que me dizias ao falar, mas não considerei bem aquilo mesmo que me querias dizer, porque ignorei como aquilo me enganava.

M. — Antes não consideraste bem aquilo que ignoraste como não te enganava.

D. — Como?

M. — Certamente, se este silogismo que há pouco eu propus é exposto assim como eu expus o teu, como se alguém dissesse: "Nenhum homem pode ser entendido como homem sem a racionalidade, mas toda pedra pode ser entendida como pedra sem a racionalidade", não terá outra força conclusiva do que aquela que eu disse que o teu possuía. Mas, porquanto este pode ser entendido de algum outro modo e aquele teu não pode, ele tem esta conclusão: "Que de modo algum a pedra pode ser homem". Com efeito, quando digo que nenhum homem pode ser entendido sem a racionalidade e toda pedra pode ser entendida sem a racionalidade, assim pode, ou melhor, deve tomar-se como se se dissesse: "Nenhum homem pode de modo algum ser entendido sem a racionalidade. Mas toda pedra pode, de qualquer modo, ser entendida sem a racionalidade". Donde se colhe: "Logo, nenhuma pedra de modo algum é homem". Por certo nas tuas proposições a verdade de modo algum admite semelhante subentendido. De fato, não se pode dizer que nenhum gramático pode ser entendido de algum modo sem a gramática ou que todo homem pode de qualquer modo ser entendido sem a gramática, uma vez que todo aquele que é gramático pode ser entendido como homem sem a gramática e nenhum homem pode ser entendido como gramático sem a gramática. Por essa razão, não podem concluir que o gramático de nenhum modo é homem.

VIII

D. — Não tenho o que dizer contra essa tua sentença. Mas, visto que me aconselhaste em segredo a não ficar contente com entender o que dizes, mas a meditar sobre o que afirmas, parece-me que deve ser considerada aquela conclusão que demonstraste proceder do meu silogismo, que o ser do gramático não é o ser do homem. Ora, se isso assim é, então quem tem a essência de gramático nem por isso tem necessariamente a essência de homem. Mas se o homem segue o gramático, a essência do homem segue a essência do gramático. Acontece, porém, que uma 'não segue a outra. Por isso, o homem não segue o gramático. Logo, nem todo gramático é homem. Mas, como para todos os gramáticos existe uma razão pela qual são homens, por certo ou todo gramático é homem ou nenhum o é. Como consta, porém, que nem todo gramático o é, logo nenhum é homem. Assim, parece que, ao retirares de modo tão arguto a conclusão ao meu silogismo, deste-lhe com isso mais agudeza implicitamente.

M. — Embora veladamente eu te aconselhasse a que refletisses cuidadosamente sobre o que ouves, não recomendei, todavia, que o fizesses inutilmente, como parece. De fato, ainda que proves sofisticamente que nenhum gramático é homem, por isso que o ser do gramática não é a ser do homem, será contudo útil para ti observar na crueza da sua falácia esse puro sofisma que te engana sob o manto da razão verdadeira.

D. — Mostra-me, então, o que me engana e onde me burla essa demonstração que acabo de fazer a respeito do gramático.

M. — Voltemos uma vez mais ao animal e ao homem, nos quais de tal modo como que tocamos com as mãos a verdade que nenhum sofisma nos pode convencer, ainda que nos constranja a crer numa falsidade. Dize, pois, se o ser de cada coisa se acha na sua definição.

D. — Assim é.

M. — A definição de homem é a definição de animal?

D. — De modo algum. Com efeito, se o animal racional mortal, que é a definição de homem, fosse a definição de animal, a todo aquele a quem conviesse o termo animal conviria o de racional mortal, o que é falso.

M. — Portanto, o ser do homem não é o ser do animal.

D. — Assim se conclui.

M. — Por conseguinte, a partir disso pode provar-se que nenhum homem é animal, pela mesma razão com que há pouco demonstraste que nenhum gramático é homem. Por isso, se vires ser uma declarada falsidade o que esse teu raciocínio aqui conclui, então não tomes por verdade certa o que ali te ilude.

D. — Já me demonstraste que ela me engana; mostra-me também onde.

M. — Não lembras o que pouco antes eu disse, como tu mesmo concedes, que o ser do gramático não é o ser do homem, o que equivale a dizer que a definição do gramático não é a definição do homem, isto é, que o gramático não é absolutamente a mesma coisa que o homem? Com efeito, assim como o homem não deve ser definido com a gramática, assim o gramático não pode ser definido sem a gramática. Por isso, aquela tua argumentação deve entender-se do seguinte modo: "Se o ser do gramático não é *simplesmente* o ser do homem, então quem tem a essência de gramático nem por isso tem *simplesmente* a essência de homem. De modo semelhante deve entender-se que *simplesmente* o homem não segue o gramático, isto é, se é gramático não se segue que seja *simplesmente* homem. Assim, pois, nada mais se conclui senão que nenhum gramático é *simplesmente* homem".

D. — Nada mais claro.

IX

M. — Mas, se se demonstrasse, o que, como penso, se pode fazer facilmente, que o ser do gramático não é o ser do homem como o ser do branco não é o ser do homem — com efeito, o homem pode existir sem o branco e o branco sem o homem — então, verdadeiramente, seguir-se-ia como conseqüência que algum gramático pode ser um não-homem.

D. — Por que, então, nos preocupamos, se isso pode ser demonstrado? Demonstra-o, e encerre-se esta questão.

M. — Não deves exigir isso de mim a esta altura. De fato, nesta questão não ventilamos se pode existir, mas se existe algum gramático não-homem, o que vês que não pode ser demonstrado.

D. — Ainda não vejo, porque ainda tenho o que dizer em contrário.

M. — Dize-o.

D. — Aristóteles demonstra que o gramático é daquelas coisas que existem num sujeito. Ora, nenhum homem existe noutro como num sujeito. Por isso, nenhum gramático é homem.

M. — Aristóteles não quis tirar essa conseqüência das suas afirmações. De fato, o mesmo Aristóteles diz que algum homem é homem e animal gramático.

D. — Como, então, se resolve esse silogismo?

M. — Responde-me: quando me falas a respeito do gramático, como entenderei o que falas: tu te referes a esse nome ou às coisas que ele significa?

D. — Às coisas.

M. — Mas, então, que coisas ele significa?

D. — Significa o homem e a gramática.

M. — Portanto, ouvido esse nome, eu entenderei o homem ou a gramática, e falando sobre o gramático falarei sobre o homem ou sobre a gramática.

D. — Assim deve ser.

M. — Dize-me, então: o homem é uma substância ou existe num sujeito substancial?

D. — Ele não existe num sujeito, mas é uma substância.

M. — E a gramática é uma qualidade e existe num sujeito?

D. — As duas coisas.

M. — Que há, então, para admirar se alguém diz que o gramático é uma substância e não existe no

sujeito enquanto é homem, e que o gramático é uma qualidade que existe num sujeito enquanto é gramática?

X

- D.* — Não posso deixar de confessar isso. Mas ainda acrescentarei um argumento a fim de dizer por que o gramático não é uma substância. É que toda substância é primeira ou segunda, mas o gramático não é nem primeira nem segunda.
- M.* — Lembra-te das afirmações de Aristóteles que pouco antes mencionei e nas quais ele diz que o gramático é substância primeira e segunda porque se comprovou que algum homem, que é homem e animal, se diz gramático. Mas então, como demonstras que o gramático não é substância primeira nem segunda?
- D.* — Porque existe num sujeito aquilo que não é nenhuma substância, e afirma-se de muitos, o que não é próprio de uma substância primeira, nem é gênero ou espécie nem se diz dele naquilo que é, o que é próprio da substância segunda.
- M.* — Nada dessas coisas, se lembras bem o que dissemos, retira do gramático a substância porque, segundo um certo aspecto, o gramático não existe num sujeito, é gênero e espécie, e diz-se de outros naquilo que é um certo algo, pois que é homem — que é uma espécie — e animal — que é um gênero - e essas coisas se dizem naquilo em que ele é um certo algo. É, também, um indivíduo enquanto homem e animal. porque assim como um certo homem é um certo animal. assim certo gramático é indivíduo. De fato, Sócrates é animal, homem e gramático.
- D.* — Não posso negar o que dizes.

XI

- M.* — Se não tens outros argumentos com que possas demonstrar que o gramático não é homem, demonstra agora que ele não é gramático.
- D.* — Posso fazer isso mais facilmente com um dedo do que com um argumento. Com efeito, destroçaste todos os meus argumentos, quando explicaste que pela palavra gramático se significa várias coisas e, de acordo com essas significações, é que se deve falar e entender a respeito do gramático. E ainda que eu não o possa negar, isso, contudo, não satisfaz o meu espírito de forma que ele fique descansado como o que achou o que procurava. Com efeito, pareces não ter a preocupação de me ensinar mas apenas de estorvar os meus argumentos. Mas assim como me coube a tarefa de expor as coisas que de um lado e de outro me forçavam a cair na ambigüidade, assim o teu dever era ou destruir uma parte ou demonstrar como ambas não se repugnam.
- M.* — Por que é que não te parece suficientemente demonstrado que essas duas afirmações de que o gramático é uma substância e o gramático é uma qualidade de modo algum são incompatíveis uma com a outra, já que naquilo que se diz do gramático ora se deve entender e falar enquanto é homem, ora enquanto é gramático?
- D.* — Porque ninguém que entende o nome de gramático ignora que este termo gramático significa o homem e a gramática; mas se, fiado em tal conhecimento, eu falar ao povo e disser: "O gramático é uma ciência útil", ou: "Este homem conhece bem gramático", diante disso não apenas os gramáticos ficarão irritados como os ignorantes cairão no riso. Por isso, de modo algum posso acreditar que sem nenhuma razão os tratadistas da dialética tenham escrito tão freqüentemente, e com tanto empenho, aquilo que eles próprios se envergonhariam de dizer ao conversarem entre si. De fato, muitíssimas vezes, quando querem mostrar uma qualidade ou um acidente, acrescentam: "como gramático", e outros exemplos semelhantes, uma vez que o uso de todos os que falam atesta que o gramático é mais uma substância do que uma qualidade ou um acidente. E quando querem ensinar algo a respeito da substância nunca dizem: "como o gramático", ou coisa

semelhante. Disso advém que, se o gramático deve dizer-se substância e qualidade, porque significa o homem e a gramática, então por que o homem não é igualmente qualidade e substância? Por certo, homem significa uma substância com todas aquelas diferenças que existem no homem, como é o caso da sensibilidade e da mortalidade. Mas nunca, onde algo tenha sido escrito sobre alguma qualidade, se apresentou este exemplo: "como o homem".

XII

M. — Repudias aquele argumento que apresentei, pelo qual se demonstra que o gramático é uma substância e uma qualidade, porque ele não se aplica ao nome de homem; mas eu penso que ages de tal modo porque não consideras de que maneira diferente o nome de homem signifique aquelas coisas de que consta que o homem e o gramático signifiquem o homem e a gramática. Sem dúvida, o nome de homem significa por si mesmo e como um único ser aquelas coisas de que consta todo homem. Entre essas coisas a substância ocupa o lugar principal, porque é causa de outras coisas e as possui, não como quem precisa delas, mas enquanto elas necessitam da mesma. Com efeito, não existe nenhuma diferença de substância sem a qual a substância não possa ser encontrada e nenhuma das suas diferenças pode existir sem ela. Por isso, ainda que todas as coisas ao mesmo tempo como um só todo sob uma só significação sejam chamadas com o único nome de *homem*, todavia este nome é principalmente tão significativo e apelativo da substância que se diz com plena correção: "A substância é o homem e o homem é a substância". Ninguém, porém, diria: "A racionalidade é o homem ou o homem é a racionalidade", mas "O homem é um ser que possui racionalidade". Na verdade, o termo gramático não significa o homem e a gramática como um único ser, mas significa a gramática por si mesma e o homem de modo indireto. E ainda que este nome seja apelativo de homem, contudo não se diz propriamente que seja significativo do mesmo; e embora seja significativo de gramática não é, todavia, apelativo. Chamo aqui de apelativo o nome de qualquer coisa pelo qual ela própria é denominada no uso corrente da linguagem. Sem dúvida, não se diz por nenhum hábito lingüístico: "A gramática é o gramático" ou "O gramático é a gramática", mas "O homem é gramático" e "O gramático é homem".

XIII

D. — Não percebo por que dizes que gramático significa a gramática por si mesma e o homem indiretamente, e como seja apenas significativo de gramática. Com efeito, assim como o homem consta de animalidade, de racionalidade e de mortalidade, e por isso homem significa essas três coisas, assim gramático consta de homem e de gramática e, portanto, esse nome significa as duas coisas. Por certo, nunca se diz gramático ou o homem sem a gramática, ou a gramática sem o homem.

M. — Por conseguinte, se é assim como tu dizes, a definição e o ser do gramático é: "O homem que sabe gramática".

D. — Não pode ser de outro modo.

M. — Logo, como a gramática divide o homem gramático do não-gramático, conduz o gramático ao ser, e é parte daquilo que é o ser da coisa, não pode estar e não estar no gramático após a corrupção do sujeito.

D. — E o que se conclui daí?

M. — Conseqüentemente, a gramática não é um acidente mas uma diferença substancial, e o homem é gênero e o gramático é espécie. Não é diferente a argumentação a respeito da brancura e de semelhantes acidentes. O tratado de toda a arte revela aquilo que é falso.

D. — Ainda que eu não possa negar o que dizes, contudo eu ainda não me convenci de que gramático não signifique homem.

- M.* — Admitamos que exista algum animal racional — não, porém, o homem — que conheça a gramática tal como o homem.
- D.* — É fácil fazer essa suposição.
- M.* — Existe, portanto, algum não-homem que sabe gramática.
- D.* — Assim se conclui.
- M.* — Mas todo aquele que sabe gramática é gramático.
- D.* — Concedo.
- M.* — Por conseguinte, existe algum não-homem que é gramático.
- D.* — Tal é a consequência.
- M.* — Mas tu dizes que no gramático se entende o homem.
- D.* — Digo.
- M.* — Logo, algum não-homem é homem, o que é falso.
- D.* — A isso é levada a razão.
- M.* — Não percebes, então, que gramático não parece significar mais o homem do que o termo branco, a não ser porque a gramática cabe apenas ao homem, enquanto a brancura compete não só a ele?
- D.* — Assim se conclui daquilo que tomamos por suposição. Mas quero que proves isso sem nenhuma suposição.
- M.* — Se o homem existe no gramático, não se predica com ele juntamente a respeito de um outro, como animal não é predicado com o homem, porque é inerente ao homem. Com efeito, não se diz com propriedade que Sócrates é um homem animal.
- D.* — Não se pode contradizer tal argumento.
- M.* — Mas diz-se convenientemente que Sócrates é um homem gramático.
- D.* — Convenientemente.
- M.* — Por conseguinte, o homem não está no gramático.
- D.* — Vejo que essa conclusão se impõe.
- M.* — Igualmente, se o gramático é um homem que sabe gramática, em qualquer lugar que se ponha o gramático afirmar-se-á com propriedade: "É um homem que sabe gramática".
- D.* — Assim é.
- M.* — Logo, se com propriedade se afirma que Sócrates é um homem gramático, com propriedade também se diz: "Sócrates é um homem-homem que sabe gramática".
- D.* — Tal é a conclusão.
- M.* — Todo homem, porém, que sabe gramática é um homem gramático.
- D.* — Assim é.
- M.* — Por conseguinte, Sócrates, que é um homem-homem que sabe gramática, é um homem-homem gramático. E, porquanto o gramático é um homem que sabe gramática, conclui-se que Sócrates é um homem-homem-homem que sabe gramática, e assim indefinidamente.
- D.* — Não posso resistir a essa evidente consequência.
- M.* — Igualmente, se no gramático deve entender-se o homem com gramática, deve entender-se por igual em todos os derivados semelhantes aquilo que é denominado com aquilo a partir do que se denomina.
- D.* — Eu já percebia isso.
- M.* — Logo, *hodierno* significa aquilo que é chamado hodierno e hoje.
- D.* — E depois?
- M.* — *Hodierno* significa, portanto, alguma coisa com tempo.
- D.* — É necessário que assim seja.
- M.* — Por conseguinte, *hodierno* não é um nome mas um verbo, porque é um vocábulo que significa tempo e não é uma proposição.

XIV

- D.* — Tu me demonstraste suficientemente que o gramático não significa homem.
- M.* — Percebes, então, por que eu disse que gramático não é significativo de homem?
- D.* — Percebo, e espero que demonstres ser o gramático significativo de gramática.
- M.* — Não dizias pouco antes que gramático significa um homem que sabe gramática?
- D.* — Eu acreditava nisso.
- M.* — Mas já ficou suficientemente demonstrado que não significa homem.
- D.* — Suficientemente.
- M.* — Que resta, portanto?
- D.* — Que não significa outra coisa senão o que sabe gramática.
- M.* — Por conseguinte, é significativo da gramática.
- D.* — Demonstrou-se suficientemente que gramático não é apelativo de gramática mas de homem, nem é significativo de homem mas de gramática. Mas porquanto disseste que gramático significa a gramática por si e o homem indiretamente, peço-te que distingas para mim claramente essas duas significações, para que eu entenda como o gramático não é significativo daquilo que de algum modo significa, ou como é apelativo daquilo de que não é significativo.
- M.* — Se em alguma casa está fechado um cavalo branco, sem que tu o saibas, e se alguém te diz: "Nesta casa há uma coisa branca", porventura saberias por meio dessa declaração que aí existe um cavalo?
- D.* — Não. Com efeito, quer o branco indique a brancura, quer o sujeito no qual existe a brancura, não concebo mentalmente a essência de nenhuma coisa a não ser a desta cor.
- M.* — Ainda que entendas alguma outra coisa além desta cor, aquilo que afirmaste, entretanto, é certo, a saber, que por esse nome não entendes a essência daquilo em que existe a própria cor.
- D.* — Está certo. De fato, ainda que ocorra ao espírito um corpo ou uma superfície, o que não se dá por outra razão senão porque eu tenho experiência de que nestas coisas costuma existir a brancura, todavia o próprio nome de *branco* não significa nada dessas coisas, como ficou demonstrado a respeito do gramático. Mas ainda aguardo que me demonstres por que ele significa.
- M.* — O que é que acontece, se vês perto um do outro um cavalo branco e um boi preto, e se alguém te diz a respeito do cavalo: "Bate nele", mas sem indicar com algum sinal a que animal se refere? Saberias, porventura, que ele se refere ao cavalo?
- D.* — Não.
- M.* — Mas se a ti, que ignoras e perguntas: "Qual?", te for respondido: "O branco", entendes a que animal ele se refere?
- D.* — Pelo nome de branco entendo o cavalo.
- M.* — Por conseguinte, o nome de branco significa para ti o cavalo.
- D.* — Significa, sem dúvida.
- M.* — E não percebes que significa de um modo diferente do que o nome de cavalo?
- D.* — Percebo. Na verdade, o nome de cavalo, ainda mesmo antes de eu saber que o próprio cavalo é branco, significa para mim a substância do cavalo por si mesma e não por intermédio de alguma outra coisa. Ao contrário, o nome de branco significa a substância do cavalo não por si mesma, mas indiretamente, isto é, por isso que eu sei que o cavalo é branco. Com efeito, uma vez que nada mais signifique este nome de *branco* do que esta proposição *que tem brancura*, assim como esta proposição por si mesma me proporciona o significado de brancura e não o daquela coisa que tem a brancura, assim, também, o nome. Mas porque eu sei que a brancura existe no cavalo e sei disso por outro meio que não pelo nome de branco, ou seja, por meio da vista, uma vez compreendida a brancura por esse nome, compreendo o cavalo por saber que a brancura está no cavalo, isto é, por uma outra coisa diferente do nome de branco, pelo qual, todavia, o cavalo é

chamado.

XV

- M.* - Percebes, então, como *branco* não é significativo daquilo que de algum modo significa, e como é apelativo daquilo de que não é significativo?
- D.* - Percebo isso, também. De fato, significa o cavalo e não o significa, porque não o significa por si mas por outro e, no entanto, o cavalo é chamado branco. E o que vejo no branco eu o entendo no gramático e em semelhantes denominativos. Por isso, parece-me que a significação dos nomes e dos verbos pode dividir-se da seguinte maneira: os que significam por si e os que significam por intermédio de outro.
- M.* - Considera, também, que dessas duas significações aquela que é por si ou direta é substancial às próprias palavras significativas, enquanto a outra é accidental. Com efeito, quando se diz na definição do nome ou do verbo que é uma voz significativa, não deve entender-se senão naquela significação que é por si ou direta. De fato, se se deve entender na definição de nome e de verbo aquela significação que é dada por intermédio de outra ou indireta, *hodierno* já não será um nome mas um verbo. Sem dúvida, algumas vezes indica-se com aquela significação alguma coisa com tempo, como eu disse acima, o que não é próprio de um nome mas de um verbo.

XVI

- D.* — É evidente o que dizes, mas o espírito não aceita sem escrúpulo que gramático seja uma qualidade, embora signifique a gramática ou que só o homem, isto é, sem gramática, é gramático, posto que foi demonstrado que o homem juntamente com a gramática não é o gramático. Donde se colhe que só o homem é gramático, porquanto não pode ser gramático a não ser só ou com a gramática. Com efeito, ainda que o nome de gramático seja significativo de gramática, contudo não se responderia convenientemente a quem perguntasse o que é o gramática ao dizer: "É gramática" ou "É uma qualidade". E se ninguém é gramática participando da gramática, segue-se como conclusão que o homem não é gramático a não ser com a gramática.
- M.* — Certamente, ao se dizer que o homem só, isto é, sem gramática é gramático, isso basta quanto à resolução da tua questão, mas pode ser entendido de dois modos, um verdadeiro e outro falso. Na verdade, só o homem, sem gramática, é gramático, porque só ele é que tem a gramática. De fato, a gramática não possui a gramática nem sozinha nem com o homem. Mas o homem só, isto é, sem gramática não é gramático, porque não havendo gramática ninguém pode ser gramático, assim como aquele que vai à frente guia um outro, e só ele é o que precede, porque aquele que acompanha não é o que precede, nem se estiver separado nem de tal modo que daqueles dois se faça um o que precede, porque quem está só não é o que precede, pois, a não ser que haja quem acompanhe, não pode existir alguém que preceda. Na verdade, quando se diz que o gramático é uma qualidade, não se afirma isso corretamente senão conforme o tratado de Aristóteles sobre as *Categorias*.

XVII

- D.* — Porventura, aquele tratado examina mais alguma coisa do que a questão de que tudo o que existe ou é substância ou quantidade ou qualidade, etc.? Por conseguinte, se só o homem é gramático, só a substância é gramático. Como é, então, que segundo aquele tratado o gramático é mais qualidade do que substância?
- M.* — Ainda que se entenda ali aquilo que tu dizes, que tudo o que existe é alguma dessas duas coisas,

contudo a intenção principal de Aristóteles naquele livro não foi demonstrar isso, mas que todo nome ou verbo significam alguma dessas coisas. Com efeito, ele não pretendia demonstrar o que é cada uma dessas coisas nem de que coisas sejam apelativas cada uma das palavras, mas de que coisas elas são significativas. Mas porquanto as palavras não significam senão coisas, ao dizer o que é que as palavras significam, foi necessário dizer o que são as coisas. Com efeito, sem que eu diga tudo o que ele afirma, a divisão que ele faz no princípio do tratado das *Categorias* demonstra suficientemente aquilo que eu disse. De fato, ele não diz daquelas coisas que existem que cada uma é ou substância ou quantidade, etc., nem diz daquelas coisas que se dizem sem nenhuma composição que cada uma se chama substância ou quantidade, mas ele afirma daquelas coisas que se dizem sem nenhuma composição que cada uma significa ou uma substância ou uma quantidade.

D. — Convince-me a razão do que afirmas.

M. — Portanto, quando Aristóteles diz: "Daquelas coisas que se dizem sem nenhuma composição cada uma significa ou a substância ou a quantidade", etc., de qual significação te parece que ele fala, daquela pela qual as próprias palavras significam por si mesmas e que lhes é substancial, ou da outra, que é indireta e acidental?

D. — Parece-me que ele não fala senão daquela significação que ele próprio declarou ser inerente às próprias palavras, ao definir o nome e o verbo, e pela qual significam por si mesmas ou diretamente.

M. — Crês, porventura, que no tratado ele prosseguiu no assunto de modo diferente do que propôs na divisão ou que algum dos seus seguidores que escreveram sobre a dialética quis opinar sobre esse assunto de modo diverso do que ele próprio admitiu?

D. — De modo algum os seus escritos permitem que alguém pense isso, porque nunca se encontrou algum deles que colocasse alguma palavra para mostrar alguma coisa que signifique indiretamente, mas sempre para mostrar que significa por si mesma. Com efeito, ninguém que queira mostrar a substância coloca *branco* ou *gramático*, mas ao ensinar sobre a qualidade enuncia as palavras branco e gramático e outras semelhantes.

XVIII

M. — Ora, se, proposta a dita divisão, eu te pergunto o que é o gramático conforme essa divisão e conforme aqueles que a seguem ao escreverem sobre a dialética, o que é que pergunto e o que é que me responderás?

D. — Sem dúvida, não se pode perguntar aqui se não sobre a palavra ou sobre a coisa que ela significa. Por isso, como consta que gramático, conforme essa divisão, não significa o homem ou a gramática, responderei sem hesitação, se perguntas sobre a palavra, que ela é uma palavra que significa uma qualidade; mas se perguntas sobre a coisa significada, que é uma qualidade.

M. — Ignoras, porventura, que o mesmo Aristóteles chama as palavras pelo nome das coisas das quais são significativas e não com o nome das que são apenas apelativas, no mesmo livro, como quando diz que toda substância parece significar este algo, isto é, toda palavra significa uma substância, assim como nomeia ou antes mostra as coisas — que tu lembraste pouco antes — só com as suas palavras significativas e às vezes não apelativas?

D. — Não posso ignorar isso. Por essa razão, quer se pergunte sobre a palavra, quer sobre a coisa, quando se pergunta o que é o gramático segundo o tratado de Aristóteles, e segundo os seus seguidores, responda-se devidamente: "É uma qualidade; todavia, segundo a apelação, é verdadeiramente uma substância".

M. — Assim é. Com efeito, não nos deve abalar o fato de que os dialéticos escrevam de um modo sobre as palavras, conforme sejam significativas, e usem-nas de um outro modo ao falarem, segundo sejam apelativas, e se os gramáticos dizem uma coisa segundo a forma das palavras e

outra segundo a natureza das coisas. Dizem certamente que *lapis* é do gênero masculino e *petra* do feminino; que *mancipium* é do gênero neutro, que a palavra *temer* é verbo ativo, enquanto *ser temido* é passivo, sendo que ninguém diz que *lapis* é macho ou *petra* é fêmea ou que *mancipium* não é nem macho nem fêmea ou que *temer* é fazer mas *ser temido* é padecer.

XIX

- D.* — A razão evidentemente não me permite dúvida alguma nas coisas que disseste, mas ainda existe algo a respeito desse assunto que eu gostaria de esclarecer. Com efeito, se gramático é uma qualidade porque significa uma qualidade, não vejo por que *armado* não seja uma substância, uma vez que significa uma substância. E por isso se *armado* é *ter*, porque significa ter, ignoro por que gramático não seja *ter*, já que significa ter. De fato, assim como se demonstra absolutamente que gramático significa uma qualidade porque significa aquele que tem uma qualidade, assim *armado* significa uma substância, porque significa aquele que tem uma substância, isto é, armas. Assim como se demonstra que *armado* significa ter, porque significa aquele que tem armas, assim gramático significa ter, porque significa aquele que tem uma disciplina.
- M.* — De modo algum, levando-se em conta essa argumentação, posso negar que *armado* é uma substância ou que o gramático tem algo.
- D.* — Quisera ser ensinado por ti, quanto a saber se uma certa coisa pode pertencer a diferentes predicamentos.
- M.* — Na verdade, não julgo que uma e a mesma coisa possa acomodar-se em diversos predicamentos, ainda que se possa duvidar em certos casos; penso que isso exigiria uma discussão mais ampla e mais profunda do que esta que entabulamos neste breve diálogo. Não vejo, porém, o que impeça que uma só palavra, que significa muitas coisas não como uma só, seja colocada às vezes em vários predicamentos, tal como *branco*, que se diz qualidade e ter. Com efeito, *branco* não significa uma qualidade e ter como uma só coisa, tal como *homem* significa, como uma só coisa, a substância e as qualidades de que consta o homem. De fato, a coisa que é chamada *homem* é uma certa coisa que consta daqueles elementos que indiquei, mas a coisa que se chama *branco* não é uma certa coisa que conste do ter e de uma qualidade, porque nada é chamado *branco* a não ser a coisa que tem brancura que, de modo algum, consta do ter e de uma qualidade. Portanto, se se diz: "O homem é substância e o homem é qualidade", uma só e a mesma coisa que é significada e chamada por esse nome se diz que é substância e qualidade, o que parece inconveniente. Quando, porém, dizemos que *branco* é qualidade e ter, não dizemos que o que se chama por esse nome é qualidade e ter, mas que essas duas coisas são significadas por esse nome e nada de inconveniente daí se segue.
- D.* — Por que, porém, o homem não é, segundo a divisão de Aristóteles, substância e qualidade, já que significa ambas as coisas, assim como *branco* é qualidade e ter, em virtude da dupla significação?
- M.* — Acho que para essa interrogação pode bastar aquilo que eu disse acima, a saber, porque é principalmente significativo da substância, e porque aquela única coisa que significa uma substância é um sujeito portador de qualidade e não a qualidade; na verdade, *branco* não significa nada mais principalmente, mas igualmente qualidade e ter, nem se torna uma só daquelas coisas que sejam mais isto ou aquilo e de que seja significativo o termo *branco*.

XX

- D.* — Quisera que me explicasses de modo mais claro como não se forma uma só coisa daquelas que o termo *branco* significa.
- M.* — Se algo é composto delas, então ou é uma substância ou é algum dos outros predicamentos.

D. — Não pode ser outra coisa.

M. — Mas nenhum deles se forma do ter e da brancura.

D. — Não posso contradizer isso.

M. — Do mesmo modo, uma só coisa não se forma de muitas a não ser por composição de partes que são do mesmo predicamento, tal como o animal, que consta de corpo e de alma, ou pela conveniência do gênero e da diferença de um ou de muitos como o corpo e o homem, ou pela espécie e pela coleção de propriedades como, por exemplo, Platão. Mas aquelas coisas que o termo branco significa não são de um só predicamento nem um é para o outro gênero ou diferença ou espécie ou coleção de propriedades nem são diferenças de um só gênero, mas são acidentes do mesmo sujeito; sujeito, entretanto, que o termo branco não significa, já que branco nada mais significa do que o ter e a qualidade. Portanto, não se forma uma só coisa daquelas que o termo branco significa.

D. — Embora a razão não pareça sustentar o que asseveras, quisera, todavia, ouvir o que responderias se alguém, a isso que afirmas que branco nada mais absolutamente significa do que o ter e a qualidade, assim objetasse: "Uma vez que o branco é o mesmo que aquele que tem brancura, não significa determinadamente isto ou aquilo que tem brancura como o corpo, mas indeterminadamente algo que tem brancura. Com efeito, branco ou é quem tem brancura ou quem não tem. Mas quem não tem brancura não é branco. Por conseguinte, branco é quem tem brancura. Pelo que, porquanto todo aquele que tem brancura não é senão alguma coisa, é necessário que branco seja algo que tem brancura ou algo tendo brancura. Em suma, branco ou significa algo que tem brancura ou nada; mas não se pode entender o nada tendo a brancura. Logo, é necessário que o branco signifique algo que tem brancura".

XXI

M. — Não se trata de saber se tudo o que é branco é algo ou quem tem, mas se este nome contém na sua significação isso que se diz algo ou que tem — assim como o homem contém o animal — de tal modo que assim como o homem é "um animal racional mortal", assim branco seja algo tendo brancura ou quem tem brancura. Com efeito, é necessário que uma coisa qualquer seja muitas coisas que, no entanto, não são significadas pelo nome da mesma coisa. De fato, é necessário que todo animal tenha uma cor e seja racional ou irracional, mas o nome de animal nada significa dessas coisas. Por isso, ainda que branco não seja senão algo tendo ou alguém que tem brancura, não é necessário, todavia, que branco signifique isso. Na verdade, admitamos que o branco ou a coisa branca signifique algo que tem brancura. Mas algo que tem brancura não é outra coisa mais do que algo branco.

D. — Não pode ser de outro modo.

M. — Logo, branco ou coisa branca sempre significa algo branco.

D. — Assim é.

M. — Por conseguinte, onde se coloca branco ou coisa branca, sempre se toma retamente pelo branco alguma coisa branca.

D. — É a conclusão natural.

M. — Logo, onde se diz que algo é branco, corretamente também se diz duas vezes: algo algo branco, e onde se diz duas vezes, aí se diz três vezes, e isso indefinidamente.

D. — Isso é lógico e absurdo.

M. — Seja também o branco aquilo mesmo que é o que tem brancura. Mas *tem* não é outra coisa senão *aquele que tem*.

D. — Nem pode ser de outra forma.

M. — Portanto, branco não é outra coisa senão aquele que tem brancura.

D. — Não é outra coisa.

- M.* — Quando, porém, se diz *aquela que tem brancura*, esta oração não significa mais do que o branco.
- D.* — Assim é.
- M.* — Logo, branco é o mesmo que aquele que é branco.
- D.* — Assim se conclui.
- M.* — Finalmente, em todo lugar que se ponha branco toma-se devidamente por ele aquele que é branco.
- D.* — Não o posso negar.
- M.* — Portanto, se é branco aquele que é branco, é também o que o que é é branco. E se é isso, é também o que o que o que é é branco, e assim indefinidamente.
- D.* — Nem isso é menos lógico nem menos absurdo do que o modo como às vezes algo seja algo.
- M.* — Se alguém; porém, diz que branco ou significa algo que tem brancura ou nada, se assim se entende tal afirmação como se fosse dito: "Branco ou significa algo que tem ou significa não-algo que tem", de modo que não-algo seja um nome indefinido, não é íntegra nem verdadeira a divisão e, por isso, nada prova. Seria o mesmo que se alguém dissesse: "O cego ou vê algo ou vê não-algo". Mas se assim se entende que significa algo que tem ou não significa, então a divisão é íntegra e verdadeira e não contradiz as coisas que foram ditas.
- D.* — Está suficientemente claro que por branco não se significa algo que tem brancura nem aquele que tem brancura, mas apenas o fato de ter brancura, isto é, a qualidade e o ter, sendo que só com esses elementos não se compõe algo de uno e, por isso, o branco é ambas as coisas porque significa igualmente ambas. Vejo que essa razão vale para todas as coisas que se dizem sem composição e significam igualmente quaisquer coisas múltiplas das quais não se forma uma só, e acho que não se pode objetar validamente coisa alguma às afirmações que fizeste nesta discussão.
- M.* — É o que me parece. Todavia, como sabes quanto disputam os dialéticos em nossos tempos a respeito da questão proposta por ti, não quero que te apegues de tal modo às coisas que dissemos que as sustentas teimosamente, se alguém conseguisse destruí-las com argumentos mais fortes e estabelecer coisas contrárias. Se isso acontecer, pelo menos não negarás que estas afirmações nos serviram de exercícios para as discussões.